

## Uma imigrante britânica no Paraná na segunda metade do século XIX: na escrita de seu diário, memória, história e representação de si \*

Ana Maria Rufino Gillies \*\*

**Resumo.** Na segunda metade do século XIX, entre os imigrantes de diversas nacionalidades que vieram para o Paraná, incluem-se os de origem britânica. Questão pouco discutida na historiografia até recentemente, a imigração britânica no Brasil não foi bem sucedida. Neste artigo abordo a empreitada e algumas razões para o seu fracasso, mas particularizo a trajetória de uma mulher, Caroline Tamplin. Procedente da Inglaterra, ela chegou à província, com a família, no final de 1868, e logo foram encaminhados para a Colônia do Assunguy. Em 1874, seu marido faleceu, mas ela lá permaneceu por mais seis anos; contudo, em abril de 1880, colocou anúncio no jornal *Dezenove de Dezembro* oferecendo seus serviços como professora de idiomas, pintura e piano e, na companhia de dois filhos, mudou-se para Curitiba. A pesquisa teve como fontes principais um diário escrito por ela entre os anos de 1880-1882, e as memórias escritas pelo neto, na década de 50. A estes documentos, foram aliadas outras fontes, como o principal periódico da época, correspondências e relatórios oficiais. Orientando-me por pressupostos teóricos de autores ligados à História Cultural, procuro entender como uma mulher viúva, uma *outsider* estabeleceu-se na capital da província; problematizo a escrita de si, como prática cultural e como estratégia de construção e reconstrução de identidades, e percebo em muitas condutas, formas de representação motivadas pela preocupação em elaborar uma boa imagem de si. A leitura do diário e da imprensa escrita do período permitiram também vislumbrar o cotidiano e os modos de pensar e de viver de uma parcela de uma sociedade oitocentista.

**Palavras-chave:** Imigração Britânica; Escrita de si; Representação; Memórias; Cotidiano.

---

\* Artigo recebido em 31/10/2012. Aprovado em 28/02/2013.

\*\* Doutora em História pela UFPR, Curitiba/PR. Professora Adjunta do Departamento de História da Unicentro, Irati/PR, Brasil. E-mail:rufinogillies@hotmail.com

## **A British female immigrant in the state of Paraná in mid-19<sup>th</sup> century: Diary, memoirs, history and self-representation**

**Abstract.** Immigrants of British stock were among the people hailing from innumerable nationalities that flocked to the southern state of Paraná, Brazil, during the mid-19<sup>th</sup> century. Although a fact hardly mentioned in modern historiography, British immigration to Brazil was unsuccessful. Current paper deals with the British enterprise in Brazil and the reasons for its failure, with special reference to the life of Caroline Tamplin. The Tamplin family arrived in the then province of Paraná in 1868 and immediately settled in the Assunguy Colony. Caroline's husband died in 1874 but she remained in the colony for the next six years. In 1880 she and her two children moved to Curitiba where she published an advertisement in the newspaper *Dezenove de Dezembro* of April 1880 announcing that she was giving lessons in languages, painting and piano. Current research is foregrounded on her diary written between 1880 and 1882 and the memoirs of her grandson written in the 1950s. Other sources, such as the main newspaper of the period, correspondence and official reports, were compounded to the above documents. The theoretical presuppositions of Cultural History authors make one understand how an outsider widow established herself in the province's capital city and problematizes her writing on her experience as cultural practice and a strategy for the construction of identities. Manners of representation triggered by a concern for building one's good image may be perceived in her behavior. Reading Tamplin's diary and several articles in the newspapers of the period reveals daily life, modes of thinking and living of a section of society during the 19<sup>th</sup> century.

**Keywords:** British immigration; Writing on oneself; Representation; Memoirs; Daily life.

## **Una inmigrante británica en el Estado de Paraná durante la segunda mitad del siglo XIX: escrita de su diario, memoria, historia y representación de sí**

**Resumen.** Durante la segunda mitad del siglo XIX, arribaron inmigrantes de diversas nacionalidades al Estado de Paraná, entre ellos, los de origen británico. Específicamente esta inmigración no fue exitosa en Brasil y fue escasamente discutida por la historiografía hasta hace relativamente poco tiempo. En este artículo, abordo la empresa y algunas razones de su fracaso, mas particularizo la trayectoria de una mujer, Caroline Tamplin. Procedente de Inglaterra, llegó con su familia a la provincia a fines de 1868 y enseguida fueron conducidos a la colonia Assunguy. En 1874, falleció su marido, pero ella permaneció seis años

más en la colonia. En abril de 1880, puso un anuncio en el periódico *Dezenove de Dezembro*, ofreciendo sus servicios como profesora de idiomas, pintura y piano; y junto con sus dos hijos, se trasladó a Curitiba. Las principales fuentes de esta investigación fueron un diario escrito por Caroline entre 1880-1882 y las memorias escritas por su nieto en la década de 1950. Otras fuentes consultadas fueron el principal periódico de la época, correspondencias e informes oficiales. Orientándome por presupuestos teóricos de autores vinculados a la Historia Cultural, trato de entender cómo una mujer viuda, una *outsider*, se estableció en la capital de la provincia; problematizo la escrita de sí mismo como una práctica cultural y como estrategia de construcción y reconstrucción de identidades y, en muchas conductas, percibo formas de representación motivadas por la preocupación en elaborar una buena imagen de sí misma. La lectura del diario y de la prensa del período permitió vislumbrar, también, la vida cotidiana y las formas de pensar y de vivir de una parte de la sociedad decimonónica.

**Palabras Clave:** Inmigración Británica; Escrita de sí mismo; Representación; Memorias; Vida cotidiana

---

Quando, a partir de 1850, a suspensão definitiva do tráfico negreiro foi decretada, o governo monárquico brasileiro adotou, entre outras medidas, uma política imigratória com vistas a atrair imigrantes europeus, os quais se supunha, seriam portadores não apenas de conhecimentos técnicos inovadores, mas também de qualidades que, segundo alguns, a população nacional não possuía. Enfim, eles seriam portadores de atributos *civilizadores*, isto é, procediam de países considerados mais desenvolvidos, com economias sustentadas na produção industrializada e com a utilização de mão de obra assalariada. Além disso, eram brancos e esperava-se que sua presença maciça no Brasil em breve eliminaria todos os traços etípicos da população do país (GILLIES, 2002).

Assim, campanhas foram desenvolvidas em países da Europa, inclusive na Inglaterra, resultando na vinda de muitos imigrantes britânicos que, embora tenham sido instalados em colônias agrícolas no Paraná (Assunguy, hoje Cerro Azul), em São Paulo (Cananea) e em Santa Catarina (Príncipe D. Pedro), permaneceram praticamente esquecidos pela historiografia brasileira até recentemente, quando alguns pesquisadores passaram a debruçar-se sobre o

tema (PEREIRA, 1998; LAMB, 2003; MARSHALL, 2005; GILLIES, 2007; 2008; 2010; NISHIKAWA, 2007).

Uma das razões para a invisibilidade de imigrantes britânicos na história do Brasil pode ser atribuída ao fato de que a historiografia costumava contemplar apenas as histórias dos vencedores, as iniciativas bem sucedidas, as trajetórias daqueles grupos que permaneceram e formaram a base ancestral de muitas comunidades contemporâneas. Não foi o que ocorreu com relação aos imigrantes britânicos chegados no século XIX, sendo raras as exceções de famílias cujos descendentes ainda podem ser encontrados, por exemplo, na sociedade paranaense.

A imagem perpetuada sobre os *ingleses* (maneira convencional para referir-se aos britânicos) no Brasil, pela historiografia conservadora, é bem diferente dos modos de ser e de viver dos imigrantes, predominantemente pobres, que foram enviados para as colônias; ela refere-se a diplomatas, viajantes, homens de negócios e engenheiros (FREYRE, 1952; GRAHAM, 1956; MANCHESTER, 1973; GUENTHER, 2004).

Quanto ao insucesso da empreitada colonizadora com a presença de imigrantes britânicos, são várias as razões apontadas: as condições gerais encontradas por eles ao chegar às colônias não correspondiam às imagens edênicas descritas durante as campanhas que os atraíram para cá. No Assunguy, por exemplo, não havia casas prontas, e pessoas de todas as origens e idades eram obrigadas a permanecer em galpões por semanas e até meses; não havia escolas ou igrejas de suas confissões; sem estradas ou caminhos trafegáveis tendiam a passar longos períodos isolados quando as pontes precárias eram derrubadas pelas chuvas, vitimando fatalmente pessoas que acabavam sendo arrastadas pelas enchentes dos muitos rios que cortavam a região; não havia opções de mercados para fornecimento de gêneros de subsistência obrigando os colonos a comprarem de um único armazém pertencente ao irmão de um

político da capital; os alimentos que chegavam diferiam totalmente da dieta à qual estavam acostumados e, segundo relato dos britânicos ao seu cônsul em 1874 (RELATÓRIO..., In: MONUMENTA, 1998) recebiam feijões podres, tendo que viver semanas e até meses à base de milho, o que teria levado à morte de um grande número de pessoas, particularmente crianças; como agravante, para tratar da saúde havia apenas uma enfermaria e faltavam remédios.

Além dos fatores acima destacados, a maioria dos imigrantes que chegavam era procedente dos meios urbanos, não tinha qualquer noção sobre como trabalhar no campo e, menos ainda, no meio do mato, sendo que muitos não sabiam nem como derrubar árvores, segundo afirmava um dos diretores da colônia. Outro problema era o fato, apontado pelo diretor Jules Parigot, de que muitos colonos, não só britânicos, mas também franceses e de outras nacionalidades, eram solteiros e, dizia ele, um homem não consegue viver sozinho no mato. Entre esses, eram comuns as bebedeiras, algazarras, brigas e, assim que acabavam os mantimentos supridos para os primeiros momentos, abandonavam a colônia sem indicar o destino que tomavam (DEAP, Códice 0380).

A respeito da Colônia Assunguy e da imigração em geral no Paraná, é bastante extensa a documentação disponível para consulta no Arquivo Público do Estado, que possui grandes lotes de correspondências e de relatórios. A colônia foi criada por decreto imperial em 1859, fundada em 1860 e emancipada em 1882, passando a denominar-se Cerro Azul. Para lá foram colonos alemães, ingleses, franceses, suíços, suecos, austríacos, espanhóis, portugueses, italianos, holandeses e brasileiros (DEAP, Códices 0383 e 0835), cada um com seus diferentes idiomas, costumes e necessidades – uma verdadeira torre de Babel.

É importante destacar que afora as razões elencadas para o fracasso da colônia, faltavam recursos continuamente e para tudo, conforme pode ser observado pela leitura da documentação produzida e preservada. Toda e qualquer ação dependia de uma ampla e lenta cadeia burocrática que se estendia da colônia à sede do Governo Imperial no Rio de Janeiro e a longa demora dos correios, cujo transporte dependia de navios, barcos, mulas e até de gente a pé, todos à mercê das intempéries do clima. Localizada a 100 km de distância de Curitiba e sem estradas trafegáveis, ficava sem as condições mínimas para escoar qualquer produção que porventura conseguisse realizar. Passados mais de 100 anos, o município não prosperou e seu isolamento perdura até os dias atuais, como pude constatar quando, há poucos anos, visitei o município, acompanhada do pesquisador associado da Universidade de Oxford, Oliver Marshall.

O cotidiano da colônia que foi possível conhecer até o momento, é aquele restrito aos documentos oficiais e referem-se às necessidades básicas, demandas e conflitos. No Arquivo Público do Paraná, existem livros contendo relações nominais com datas de entradas, saídas por mudança ou abandono, concessões e pagamentos por lotes de terra, sementes e ferramentas, alguns falecimentos, nacionalidades, religiões. A documentação preservada, embora não permita saber exatamente como as pessoas viviam sua privacidade, guarda fragmentos de suas vidas, muitos deles trágicos, como mortes por afogamento e mordidas de cobras; estupro de menor com consequente expulsão do criminoso; desacatos, bebedeiras, provocações e expulsões de rapazes franceses; pedidos de autorização para abertura de hospedaria, padaria, escolas feitas pelos colonos. Havia grande mobilidade, em ambos os sentidos, ou seja, embora muitos ingleses e franceses estivessem deixando a colônia, é surpreendente o número de alemães que pediam para serem admitidos, por possuírem amigos, parentes ou para se casarem. Aliás, os mesmos livros de

entradas de colonos, possuem registros dando conta de muitos casamentos interétnicos. Assim, é possível vislumbrar as sociabilidades que ocorriam promovidas por aqueles momentos mais prosaicos da vida, nas alegrias e nas tristezas.

Num desses livros de matrículas (DEAP, Códice 0835) consta que Carlos Alberto Tamplin (os nomes estrangeiros eram convertidos para o português), 52 anos, casado, protestante, chegou à colônia em 5 de janeiro de 1869 (outros documentos registram a chegada em dezembro de 1868), acompanhado de: Carolina, 44 anos, esposa, católica, inglesa, e dos filhos: Alberto, 21 anos, protestante, inglês (que mais tarde faleceu na colônia); Eduardo, 18 anos, protestante, inglês (que também faleceu na colônia); Mildred, dez anos, protestante, inglesa; Frederico, nove anos, católico, inglês. Também está registrado o nome de Alberta, três anos, protestante e de Julia Normann, 33 anos, protestante, inglesa, chegada em 1868, residindo separadamente. Em seu diário, Caroline referia-se a ela como *Aunt* (tia) *Ju*, e foi sob sua guarda que Caroline deixou a filha Alberta quando saiu da colônia em 1880.

Sobre a vida de Caroline e seu círculo de familiares e amigos, enquanto residentes na colônia, o que chegou até nós foram as reconstruções memorialísticas de seu neto Albert, filho de pais ingleses. Nascido no Assunguy, lá viveu até os seis anos de idade, quando seus pais decidiram ir para a Inglaterra e, em seguida, para o Canadá, onde se estabeleceram permanentemente. Na velhice, num tom de amargura, fez um balanço de sua vida, memorializando o passado (BOSI, 1979).

As memórias que ele cultivou sobre o cotidiano no Assunguy são pautadas, por um lado, pela memória afetiva orientada pelo olhar ingênuo de uma criança estrangeira, para quem tudo era uma aventura, havia fartura, as sociabilidades eram amenas e seus familiares ocupavam uma posição hierarquicamente superior à dos brasileiros, para os quais ele lança um olhar

afetuoso, condescendente; por outro lado, pela memória construída e reconstruída, adicionada de outras memórias, no interior de um grupo social específico, ao longo da vida de um indivíduo que amadurece, mas continua estrangeiro. É, ao mesmo tempo, uma memória individual e social (HALBWACHS, 1990), a reconstrução do passado a partir da representação de um grupo cujas noções refletem uma significação social e uma visão de mundo. Os conceitos, juízos, valores e preconceitos, adquiridos em sua trajetória e convivências, desde a infância até a vida adulta, dotam o relato de uma perspectiva próxima daquela de um colonizador.

As memórias de Albert sobre sua vida, de sua família e amigos no Assunguy nada contém das agruras relatadas pelos imigrantes que para lá foram enviados, ou da precariedade que se pode constatar pelos relatórios e correspondências oficiais. Em suas memórias de menino, acrescidas de fatos verdadeiros e/ou inventados, contados e recontados ao longo de muitos anos, a experiência na colônia adquiriu uma aura romanesca, quase uma rústica *country life* nos trópicos. Outrossim, este caráter não invalida a importância das memórias, que passam a ser percebidas como a construção de uma representação de si (CHARTIER, 1988), de uma identidade social, forjando uma imagem favorável de toda sua família, particularmente de sua avó Caroline, à qual referia-se como *the great lady*.

Chegada à colônia entre finais de 1868 e início de 1869, Caroline, como vimos, perdeu dois filhos e o marido. Embora viúva, permaneceu na colônia até 1880, atuando inclusive como professora em uma pequena escola montada em suas terras. A escola era subsidiada pelo governo provincial, mas as fontes mostram que nem mesmo a solicitação de recursos mínimos, como livros, era integralmente atendida. A outra grande dificuldade para Caroline, como para todos os outros colonos, era receber o pagamento das *gratificações* que lhes seriam devidas (DEAP, APs 1875/5/460/178 e /3/458/117). Em 1874, em



razão de inúmeras queixas e representações, culminando com manifestações públicas, na colônia e em Curitiba, que os colonos britânicos vinham fazendo há algum tempo, o cônsul Lennon Hunt visitou a colônia e tomou depoimentos de dezenas deles, inclusive de Caroline (RELATÓRIO..., In: MONUMENTA, 1998).

Em 1880, ela solicitou permissão para transferir seus lotes de terra para o colono Henry Mason, mas a autorização não foi concedida, sob a alegação de que ambos ainda deviam ao governo (DEAP, AP 1880/17/605/323). De qualquer forma, no mesmo ano, ambos transferiram-se para Curitiba, conforme indicam anúncios que colocaram no *Dezenove de Dezembro*, ela em abril e ele, em outubro:

D. CAROLINA TAMPLIN

Ex-professora da colônia Assunguy, dá lições de piano, canto, francez, inglez, geographia, desenho e prendas domésticas, em casas particulares. Póde ser procurada a rua do Sottomaioir, em casa de seu filho, o negociante

ALBERTO TAMPLIN

Discípula de Thalberg, chama em seu apoio o testemunho dos distinctos professores dessa capital, cujo acolhimento e aplauso lhe têm sido por vezes tão lisongeiramente grato. Seus pequenos dotes e conducta moral receberam sempre, em sua pobreza e viuvez, a proteção dos honrados administradores desta província, assim como dos dignos directores e virtuoso parcho de sua colônia.

HENRY MASON, decorador de Londres, encarrega-se de pintura de brasões, paysagens, quadros de todas as qualidades, taboletas para casas de negocio, carros e finalmente de todo serviço concernente à sua arte. Em casa do Sr. Julio Gineste, rua Direita.

Outras mulheres imigrantes e residentes na colônia Assunguy, ao ficarem viúvas, optaram por retornar a seus países. Desprovidas de recursos, solicitaram-nos ao governo (DEAP, APs 1875/5/460/177 e /1/477/223). Caroline optou por permanecer no Brasil. Oliver Marshall acredita que não havia nenhuma razão para ela retornar; “nada havia para ela, com quase 60 anos de idade, na Inglaterra”, ele comenta (MARSHALL, 2005, p. 183). Não obstante, ela deve ter tido uma família lá. No depoimento que deu ao cônsul

Lennon Hunt em 1874, contou que só sobreviveram às adversidades porque receberam ajuda da família na Inglaterra. Por outro lado, ela tinha filhos aqui, um deles casado e residindo em Curitiba; os demais, ela procurava integrar à sociedade local: Mildred e Frederick, que a acompanharam a Curitiba, e Alberta que, embora tivesse ficado na colônia aos cuidados de Julia Normann, visitava a mãe na capital e, na idade adulta, acabou casando-se com um dos filhos de Henry Mason.

Uma vez em Curitiba, Caroline logo se pôs a trabalhar, conforme indicam os registros em seu Diário.

O diário de Caroline Tamplin tem o formato de um caderno, com folhas originalmente em branco, sem linhas nem margens. A letra é bonita, legível. São raras as rasuras, dando a impressão de que ela pensou bem antes de escrever. Na capa há o desenho de um círculo formado por dois galhos com folhas e frutas silvestres ou brotos entrelaçados, identificado na parte posterior esquerda com as iniciais W.H.& S. e, à direita, London. No centro do círculo, duas linhas, uma com o título *Diary for 1881* e a outra com o nome Caroline Tamplin.

O caderno contém 69 folhas perfazendo um total de 138 páginas e cobre o período de 29 de novembro de 1880 a 27 de novembro de 1882. Todas as páginas são utilizadas para anotar uma seleção dos fatos de cada dia, mas as últimas páginas registram os livros lidos e as cartas enviadas e recebidas nos anos de 1881 e 1882.

Os registros diários, escritos em inglês, aparentemente à noite, são meticulosos: informam, na margem esquerda, além da data, o dia da semana, o clima, o santo do dia (quando a data faz parte do calendário das celebrações católicas mais conhecidas), os aniversários de nascimento, casamento e morte. Em seguida, ela fala de trabalho; saúde; doença; visitas feitas e recebidas; passeios, *soirées*; refeições e pratos feitos; tarefas domésticas feitas por uma

mulher que vai limpar a casa e passar roupa ou por sua filha Mildred; trabalhos de agulha feitos por mãe e filha; livros emprestados e lidos; cartas enviadas e recebidas; dos laços mantidos com pessoas da colônia, de coisas umas recebidas e outras enviadas, a pedido, para Assunguy; de algumas lembranças; de convites, ganhos e perdas.

A regularidade e disciplina nos registros desperta a curiosidade sobre se teriam havido outros cadernos, perdidos, jogados no lixo, queimados naquelas grandes limpezas que as gerações mais novas das famílias fazem muitas vezes para se livrar das coisas velhas, empoeiradas, emboloradas, guardadas e ocupando espaços, sem que ninguém lhes conheça os conteúdos. Segundo informou a família, o diário que conhecemos é o único caderno salvo, por acaso, de uma fogueira feita no jardim para queimar papéis velhos.

Entre os vários tipos, o estilo adotado por Caroline Tamplin situa-se entre aqueles em que a maior parte do conteúdo é dedicada ao registro do cotidiano e, neste sentido, fonte valiosa para o pesquisador que, ao corroborá-lo a outras fontes, amplia o conhecimento sobre o contexto público e privado de um período de uma forma que outras fontes não permitiriam. Embora não possa ser elencado entre os escritos de natureza íntima, confessional, onde pensamentos e sentimentos são postos com razoável clareza e *sinceridade*, os registros de Caroline Tamplin permitem captar nas entrelinhas seus valores, seus interesses, algumas de suas ambições e as estratégias que utilizava para realizá-las.

O diário suscita muitas perguntas e lança luz sobre muitas outras. Por que alguém escreve um diário? Quais teriam sido as suas intenções ao fazê-lo? Para quem escreve? Muitos autores debruçaram-se sobre esta questão (ARTIÈRES, 1998; CALLIGARIS, 1998; BARROS, 1989; LEJEUNE, 1997; GOMES, 1998), outros escreveram belos textos a partir deste tipo de fonte

(GOMES, 2004; PERROT, 2005), outros discutiram ainda seu caráter autobiográfico (BOURDIEU, 2001; LEVI, 2001).

Em seu Diário, Caroline registra seus esforços diários, profissionais e sociais, para se manter e aos filhos dentro de um padrão de vida civilizado, com a preservação de hábitos cotidianos, muitos dos quais praticados, por exemplo, em Londres e no Rio de Janeiro à mesma época. Dentro os denominados escritos de foro privado, manter um diário foi prática disseminada na Grã-Bretanha a partir do século XVI. Segundo Elaine McKay (2001), essa prática foi inicialmente motivada pelo exemplo e encorajamento de uns amigos sobre outros, que chegavam a formar verdadeiras redes de diaristas. Posteriormente, o hábito foi estimulado pelo aumento no número de pessoas alfabetizadas, e pela valorização do individualismo que encorajava a introspecção e o autoconhecimento, resultando na produção de uma quantidade considerável de diários. Escritos por homens e mulheres, entre eles os famosos diários de Samuel Pepys, esse acervo vem, mais recentemente, sendo reunido e analisado sob a categoria de *'ego documents'* (HOULBROOKE, 1988; 1998).

“Manter seu diário é, no século 19, uma prática relativamente corrente, e cada vez mais difundida”, afirma Michelle Perrot em seu capítulo sobre um diário escrito entre os anos de 1864 e 1868 por uma jovem do Faubourg Saint-Germain durante o Segundo Império. Nele, Caroline Brame (1847-1892) recapitula suas ocupações mundanas (compras, visitas, jantares, recepções, saraus) e faz seu exame de devoção cotidiana; “ela faz o exame de sua consciência, e ainda mais, o exame de seu tempo. *Empreguei bem o meu dia? Interroga-se ela*” (PERROT, 2005)

Como numa busca do tempo perdido, o diário se afirma como espaço de registro e da contabilidade da vida, dos usos sagrados e profanos dos dias e das horas. Usado para evocar lembranças e para preservar momentos preciosos do presente, garantindo assim sua transmissão para o futuro, o diário, e

também as memórias, se caracterizam como portadores de uma nova escrita e leitura. Ou seja, é no ato da transmissão que se encontra presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico.

Essa paixão pela escrita de diários, de que pode usufruir apenas uma parcela privilegiada e alfabetizada da sociedade, é fruto de um ambiente em que as sensibilidades, os sentimentos são exaltados e o diário tende a se afirmar como um espaço de expressão pessoal. Conforme Alan Corbin (1991), a aceleração da mobilidade social engendra um sentimento de insegurança e incita o indivíduo a indagar-se sobre sua posição, a calcular o julgamento dos outros. A muda presença da sociedade frequenta a vida privada e solitária do autor, ou autora, de um diário, e é em função do olhar sobre si mesmo, e dos olhares dos outros e do mundo, que se estrutura um exame permanente, obcecante.

O movimento migratório do século XIX pôs em circulação uma gigantesca massa de indivíduos que, partindo da Europa, dirigiram-se principalmente às Américas do Norte e do Sul em busca de uma nova vida, uma vida melhor. Inserido nesse processo de mudanças e adaptações, o ato de escrever um diário revela a consciência do autor de estar vivendo uma época histórica, e desperta nele, ou nela, o anseio de buscar-se a si mesmo e a suas origens. Imerso numa situação difícil, a escrita do diário o ajuda a suportá-la; submetendo-a ao seu poder, na sua criação literária, recria-a, reinventa-a, conforme destaca Cláudia Bettina Jahnel (2002) em seu estudo sobre o diário de um imigrante alemão que, junto com sua esposa, veio para o Brasil em 1859 para viver na Colônia Dona Francisca, mais tarde denominada Joinville.

Desconhecemos as razões pessoais que levaram Caroline e sua família a emigrar para uma colônia agrícola no Brasil. Nossos esforços para compreender essas razões resultaram em conjecturas. A memória familiar indica que o marido, Albert, possuía uma fábrica de penas (canetas) que, ao falir, não lhe deixou outra alternativa senão aproveitar a oportunidade que se apresentava de

vir para o Brasil. Possivelmente esperava estabelecer-se com algum negócio, inclusive porque Caroline, em um depoimento dado ao cônsul britânico em 1874 (RELATÓRIO..., In: MONUMENTA, 1998), definiu a ocupação do marido como *businessman*. Daí a imaginarmos quão desconcertantes podem ter sido para ela as circunstâncias em que se encontrava, a disciplina que ela precisava exercer sobre sua sensibilidade, e o recurso à escrita do diário, amigo leal, silencioso, mudo, ao qual quase tudo se pode contar. Suas anotações, igualmente, não tem o caráter íntimo ou confessional de outro gênero semelhante, o diário íntimo, exigindo assim um esforço maior na leitura daquilo que ela escolhe registrar, para lhes captar os significados, inclusive porque tampouco transparecem em seus registros quaisquer traços de fragilidade.

Acompanhando sua trajetória através do diário, que relata parte do seu cotidiano, e de jornais, que registram momentos da vida social na capital curitibana dos quais ela participa, vemos que Caroline ficou e procurou ser bem sucedida. A relativa receptividade que encontrou certamente deveu-se tanto aos atributos culturais que possuía, como por ser de origem britânica numa sociedade razoavelmente anglófila, e também por possuir o *savoir faire* para o convívio na alta sociedade. Ela ficou possivelmente porque compartilhava de muitos dos valores daquelas pessoas em posição de incluir ou excluir indivíduos dentro de seu grupo mais amplo. Um desses valores era a religiosidade.

Durante o período coberto pelo diário, Caroline professava, e muito ardorosamente, a fé católica. Frequentava assiduamente a igreja, registrava o santo do dia no diário, cultivava a amizade dos padres católicos e até do alto clero. Em dezembro de 1881, ela e o filho Frederick (Fritz) foram crismados, ela tendo como madrinha, Dona Mariquinha, e ele, Padre Celso Itiberê da Cunha. Este último, pároco de Cerro Azul e, em 1900, Vigário da Diocese de Curitiba, era irmão de Brasília Itiberê e ambos, por sua vez, filhos do Dr. João Manoel da Cunha, com cuja família os Tamplin mantinham laços estreitos de

amizade, conforme os registros no diário de Caroline. Na semana seguinte, Caroline foi madrinha de Crisma de Ritinha, filha de Dona Augusta Negrão. Pode parecer pouco efêmero diante de fortunas materiais, mas são exemplos do que ela conseguiu capitalizar e o que tornava o seu cotidiano significativo o suficiente para ela deixá-lo registrado em seu diário.

Para Caroline, estar entre os estabelecidos (ELIAS, 2000) significou não apenas gozar de prestígio entre parte da boa sociedade curitibana, mas manter o convívio, preservar as formas de vinculação, para si e os filhos, por meio de estratégias e práticas sociais que se confundiam com o seu cotidiano, aparentemente quase que só voltado para o trabalho.

Seu filho Frederick, embora britânico e também educado por ela em casa, foi matriculado no Instituto Paranaense, frequentado à mesma época por José Candido da Silva Muricy, Alfredo Westphalen, Emiliano David Pernetá, José Caetano Munhoz, Agostinho Ermelino de Leão, José Lourenço Schleder, Paulo Ildefonso de Assumpção (seu amigo mais regular), Sebastião Paraná Sá Sotto-Maior, Estácio Correa, Affonso Monteiro de Barros, entre muitos outros personagens que viriam a ter destaque na sociedade curitibana e na história do Paraná. Naturalmente, havia entre os amigos algumas famílias britânicas, mas não todas elas. Em certos registros é possível notar algumas restrições e a preocupação em selecionar quem frequentava, sendo que possuir a mesma nacionalidade que ela não bastava como critério de aproximação.

Quanto à filha Mildred, toda vez que comparecia a um evento social de prestígio, como o Baile Alemão ocorrido no primeiro sábado do ano de 1881, ou quando era procurada por alguém considerado importante por Caroline, ela registrava em seu diário:

Janeiro 1881 – Dia 5 quarta-feira – A Sra. Lindemann esteve aqui bem cedo, e pediu-me para permitir que Olga fosse com Mildred aos Fonseca. Ela insistiu para M. ir ver P., o que ela fez na parte da tarde, e elas foram me encontrar na minha volta da casa de Dona Xiquinha e levaram-me ao jardim e deram-me flores, e convidaram-nos para ir lá amanhã ver a procissão.

Nos primeiros meses de 1881, Mildred ficou muito doente e quase morreu. Durante o período de sua recuperação e depois, Caroline registrou cuidadosamente em seu diário o nome das senhoras, estrangeiras e brasileiras, que devotaram atenção e carinho a sua filha, tanto por gratidão, certamente, quanto pelo prestígio que isto lhes creditava.

As famílias britânicas com quem Caroline mantinha laços mais estreitos eram os Withers, industriais conhecidos na cidade, seguidos pelos Mason, empreiteiro, e os Balster, leiloeiros, que possuíam negócios de proporções adequadas à época e à cidade. Havia outras famílias, mas não se frequentavam quase diariamente como os mencionados. Entre os estrangeiros de outras nacionalidades, destacavam-se as Sras. Lindemann, Garnier, Peters, Schimmelpfeng e Pinot. Entre os brasileiros amigos com os quais ela se relacionava quase que diariamente estavam o Coronel Manoel Eufrásio Assumpção e filhos, Comendador Antonio Ricardo dos Santos, Comandante da Força Policial, Chiquinha Menezes, os Fonseca e o médico Dr. João Manoel da Cunha, cuja chácara os Tamplin eram regularmente convidados.

Se por um lado, Caroline parecia estar à mercê das circunstâncias, por outro, verifica-se a construção de uma existência suportável dentro da realidade social em que ela transitava, principalmente pelo cultivo cuidadoso do hábito burguês inglês e francês das visitas e contravisitas. O registro a seguir, datado de abril de 1881, retrata um domingo típico:

Dia 3, domingo. Por volta das 4 horas Mildred e eu fomos visitar Dona M. Fonseca e depois fomos à Sra. Balster, mas como não conseguimos que nos ouvissem chamar, fomos à Sra. Withers, tomamos chá e Willy veio para casa conosco e jogou xadrez com Mildred. Terminei a carta para Tigar.

No domingo, dia 7 de agosto de 1881, ela não saiu, mas recebeu muitas visitas:

Aniversário do Cowper [filho mais velho]. Escrevi para Katie, em Manitoba [Canadá]. Dona Brasília veio despedir-se, antes de ir para São Paulo. Dona



Rosalina Castro veio visitar, com as filhas; e Paulo Assumpção, para jogar xadrez com Fritz. Julieta Soares e Franklin vieram de manhã. Tricotei bastante as luvas para Mrs. W. Escrevi para Katie (para Manitoba) [ela repete a primeira frase].

Quando não podia sair, nem recebia tantas visitas, ela também registrava, justificando e explicando o que fez de útil com suas horas. Em janeiro de 1881, dia 2, num domingo chuvoso, ela escreveu: *A chuva impediu-nos de sair para retribuir visitas e nos levantamos tarde demais para ir à missa. Li “Portugal na balança da Europa” e escrevi para a Sra. Renaudin sobre sua máquina;* em 18 de setembro do mesmo ano, registrou que:

Esperava que Maricas viesse passar o dia, mas ela não veio. Fritz saiu com Edmondo. Escrevi para Mrs. Tigar [mãe do genro, casado com sua filha mais velha] e para Katie, e para o Embaixador Britânico, a respeito das minhas terras.

Acompanhando Caroline na sua rotina diária, pelos meandros dos seus afazeres e de suas lembranças, bem como concentrando-nos em observá-la aos domingos, surpreendemo-nos bastante envolvidos na sua narrativa pessoal e histórica, desejando compartilhar com o leitor como eram todos os seus dias, para ver se há um padrão único, quando este é quebrado e como ela se sente a respeito.

Ao trabalhar com fontes como diários e memórias, o historiador depara-se com a dificuldade de resistir ao desejo de relatar *tudo!* É fácil ser capturado *nas malhas do feitiço, nos encantos dos arquivos privados!* – este é o perigo das fontes de natureza privada; elas despertam o *voyeur* dentro de nós, fazendo-nos esquecer momentaneamente nossas próprias rotinas, a repetição por vezes monótona e exaustiva dos dias e das longas horas de trabalho incessante. Conforme destacou Ângela de Castro Gomes (1998), esses documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles, “nossos” atores aparecem de forma fantasticamente *real e sem disfarces*. Julgamos poder passar a conhecê-los na

*intimidade* de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos. Se não nos prepararmos teórica e metodologicamente para a utilização desse atraente tipo de fonte, chegaremos a ter a *ilusão* (BOURDIEU, 2001) da verdade, acreditando serem portadores de absoluta *autenticidade* e espontaneidade, razão pela qual a autora adverte da necessidade que têm os historiadores de se municiar dos “nada novos procedimentos de crítica às fontes, guarnecidos com escolhas teóricas e metodológicas capazes de filtrar o calor, de maneira a não ter a boca queimada” nessa fonte fascinante, “um prato cheio e quente”.

O público e o privado estão intimamente imbricados na vida de Caroline, uma vez que as atividades de trabalho que ela desempenha levam-na a compartilhar da privacidade dos lares de importantes famílias curitibanas e, em muitas ocasiões, as sociabilidades, no sentido de lazer, são deste uma extensão e consequência.

Caroline trabalhava muito; na verdade, era quase compulsiva a maneira como ela se mantinha ocupada, como se a contabilidade das horas tivesse sempre que resultar em saldo positivo, este significando a estrita observação e aproveitamento útil do tempo. Quando não eram as aulas fora de casa, eram as que ela dava para os filhos, ou as inúmeras tarefas que ela determinava para eles e supervisionava: aulas de francês, italiano, pintura, desenho, música; a prática da leitura em voz alta, o catecismo e a leitura da Bíblia, muitas vezes tarde da noite, mesmo após exaustivos dias de trabalho. O ócio não tinha espaço em suas vidas; mesmo as visitas e os passeios, tudo fazia parte de uma maneira de viver rigorosamente observada.

Ela não faz queixas, não se lamuria, nem demonstra desânimo, desespero, fraqueza ou insegurança. Diante de uma dada situação, sua postura era pragmática: enfrentar. Ela não faz desabafos nem confidências, e os sentimentos que carrega enquanto conduz sua vida e a dos filhos podem apenas

ser inferidos pela maneira que ela lida com as situações relatadas, o que exige do leitor um exercício de introspecção para procurar entendê-la. Observa-se, outrossim, que ela não é desprovida de sentimentos: a intriga ocasional de alguém que tenta atingi-la a incomoda; ela registra datas significativas relativas a sua vida privada, sente cansaço e dor, e, às vezes, adocece. Mas sempre procura recuperar-se rapidamente.

Embora vivendo na cidade, Caroline manteve seus laços com a colônia. Lá estão seus amigos e parentes; as idas e vindas dessas pessoas a mantinham sempre informada das ocorrências, e também era regular o recebimento e o envio de pacotes, contendo encomendas que pessoas da colônia faziam a ela e presentes que ela recebia de lá. Além do intercâmbio Curitiba-Assunguy-Curitiba, esta mulher singular mantinha um intenso trânsito de notícias e pacotes com o exterior; claro que com sua origem – a Inglaterra, de onde chegavam cartas, cartões, jornais e pacotes, não só para ela como também para os filhos e para Julia Normann. Estas agradáveis surpresas relatadas em seu diário chegavam aos destinatários por intermédio de pessoas que iam e vinham como, por exemplo, os padres, e também pelos navios.

Março de 1881, quinta-feira dia 23 – Vi Dolbins no Alberge – Ninguém pode levar as latas de volta para a Colônia – Escrevi para Ju e enviei por intermédio de Alberge, que vai amanhã.

Maio de 1881, quinta-feira dia 5 – Padre veio esta noite antes de escurecer para despedir-se – Eu enviei algumas estampas de flanela por intermédio dele para Ju e os pacotes e cartas.

Maio de 1881, sexta-feira dia 13 – Ouvi hoje que Pedro Secostins está retornando amanhã e nós enchemos a lata da Ju com chá e macarrão, e enviamos na cesta com uma carta de Fritz e uma minha para ela, e uma para Mrs. Renaudin, e música para o Padre.

Agosto de 1881, domingo dia 21 – [...] Recebi uma carta da Tia Ju, com pedidos para um cargueiro de mercadorias e pedindo-me um vestido e flores para Bertie, que vai ser uma virgem pela primeira vez – da Imaculada Conceição no dia 8 de setembro.

Como ela registrava do lado esquerdo da folha, além da data, o clima, fica-se sabendo que chovia muito. As chuvas afetavam a locomoção das

pessoas, feitas, em grande parte, a pé. Como Caroline atendia seus alunos no domicílio, ela locomovia-se bastante. Portanto, pode-se observar como o tempo ruim afetava negativamente os seus compromissos e, acima de tudo, a sua renda, razão pela qual ela sempre procurava antecipar ou compensar as aulas.

No mês de janeiro de 1881 choveu muito, o que impedia a regularidade das aulas que Caroline precisava dar no *Colégio Inglês* de Mrs. Braund ou nas casas de suas alunas. Embora econômica em manifestar opiniões, deixa transparecer apreensão por estar perdendo aulas. Refere-se claramente ao mau tempo que a impede de sair e também obriga alunas a cancelarem as aulas. Ao mesmo tempo, procura repô-las sempre que possível. Na primeira quinzena choveu praticamente todos os dias e no dia 15, um sábado, ela registra que “Caiu uma chuva pesada ao meio-dia, durando até a noite; assim, não pude ir à Da. Elisa, e perdi 4000 hoje, e 9000 antes disto, Da. X e os Fonseca tendo cancelado novamente hoje, por terem ido para a chácara”. Na semana seguinte, o mesmo tempo ruim levou suas alunas, Graça e Rosina, a cancelarem a primeira a aula de música e a segunda a aula de desenho.

Ainda assim, o que se destaca nas entrelinhas é como essa mulher, Caroline, a despeito de todas as dificuldades, quase não se queixa, e, mais que isso, teatraliza uma concepção de vida que ela obviamente considera ideal, civilizada, aos moldes das maneiras de viver das classes mais altas de Londres, um comportar-se diante da vida que revela, conforme observou Norbert Elias (1933), uma economia das emoções e um cálculo das condutas: visitas e contravisitas, a prática da pintura, da leitura e da música, o cultivo da sociabilidade com as pessoas certas e de um espírito ameno.

Domingo, usualmente reservado para a missa e as visitas e contravisitas. Num domingo típico, 31 de dezembro de 1880, ela registra que o dia estava agradável, ensolarado, e pôde ir cedo à missa. Estava frio, mas saiu

com a filha Mildred para fazer algum favor à Mrs. Mason. Depois foi visitar D. Elisa que estava com um abcesso mamário; Rosa, que estava doente e de cama; Mrs. Peters que também estava de cama e cujo bebê falecera na véspera de Natal; e Gertrude. No final do dia, recebeu a visita de Dr. Plínio Soares e esposa - sobre os quais ela registra serem pessoas muito agradáveis -, ganhou um presente da filha, pintou um grupo de *Convolvulus*, delicadas flores parecidas com amor-perfeito, e leu *Os 500 milhões da Begun*, uma obra de Julio Verne, publicada entre 1878-79. Só de ler o relato, sente-se cansaço e pode-se perceber o quanto ela se esforçava, sobretudo andando a pé.

Quase todo domingo era assim, e quando não, ela, geralmente, o considerava monótono. Domingo, 2 de janeiro de 1881, choveu e ela reclama que a chuva impediu-a de sair para retribuir visitas, e que haviam se levantado tarde demais para ir à missa. Assim, leu *Portugal na balança da Europa* e escreveu para Mrs. Renaudin, que estava na colônia do Assunguy. No domingo seguinte, o tempo estava bom, mas ela não parece ter feito muitas visitas; apenas de tarde foi à Mrs. Lindemann - possivelmente a esposa do jornalista e dono do Salão Lindemann, que ficava na Rua Matto Grosso, atual Rua Comendador Araújo, onde espetáculos teatrais e concertos aconteciam (DEZENOVE DE DEZEMBRO, maio. / ago. 1880). Lá, assistiu a uma procissão; em casa, desenhou e leu com Fritz.

Um ano depois, pouca ou nenhuma mudança. Julia Norman e Alberta tinham chegado da colônia dia 30 de dezembro – uma maravilhosa surpresa, devidamente registrada, porque Caroline nem celebrara o Natal dada à ausência da filha e da ‘tia’. No início de janeiro, já no dia 2, ela deu aulas e, por quase duas semanas, foram a muitas missas e fizeram muitas visitas. Domingo, dia 8 de janeiro de 1882, por exemplo, Caroline registra que “Visitamos a família do Col. Assumpção, os Withers, os Preda, Mrs. Braund, & os Fonseca”. Mas, no dia 11 de janeiro de 1882, as chuvas recomeçaram com tempestades e frio e, no

domingo dia 15, Caroline ficou em casa, leu *Paraguayan War*, a Bíblia e Catecismo com Fritz e Alberta. Tia Ju fora para a casa dos Pinot; ela tinha que voltar para a colônia, mas precisava de um cavalo, o que não foi nada fácil de obter e envolveu várias pessoas.

Partiram Ju, Alberta e Mildred, dia 18, levando-a a concentrar toda sua atenção em Fritz e no trabalho. Para ocupar-se, já no dia 19 ela comprou umas peças, um *toilet set* (possivelmente uma *nécessaire* masculina), para o Fritz e arrumou-lhe o quarto; lavou um paletó da Mildred e um monte de pequenas coisas (*a lot of odd things*); foi aos Fonseca dar aula de desenho e piano e à Dona Chiquinha dos Santos; à noite, jogou xadrez. No dia seguinte, com alívio ela registra que o clima estava melhor – “... uma grande benção para nossas queridas viajantes...”; o filho prestativo começou a limpar o jardim e consertou o forro de uma cadeira, enquanto ela pegou emprestado o ferro de Mrs. Withers, engomou e passou três camisas, um colete branco, punhos e colarinhos;

depois jogou xadrez com Fritz e no final da noite tocou piano para praticar. No domingo fez uma torta de coração e rim, que “acabou ficando muito boa” enquanto Fritz charqueava o resto da carne. Terminou o dia lendo, “Dia calmo [bom] para ler e pintar”, ela registrou.

As atividades de Caroline como professora de línguas e de artes revelam o interesse de mulheres em aprender outros idiomas e/ou fazer com que seus filhos aprendessem. Sua utilidade não era, como nos dias atuais, acrescentar ao currículo de habilidades apropriadas para o mundo do trabalho, mas tinham um caráter social, ou seja, a formação de um *roll* de habilidades apropriadas para a sociabilidade. O mesmo pode-se dizer do interesse em aprender canto e piano. O número de eventos sociais ocorridos na cidade, de caráter público e, acima de tudo, privado, indicam a utilidade do aprendizado, que vai além da ornamental. Os moradores de Curitiba, brasileiros e estrangeiros pareciam apreciar e praticar muito esses prazeres.

Sociabilidade, conviviabilidade eram características muito próprias da época e, naturalmente, não apenas em Curitiba. Diferentemente dos dias atuais onde cada pessoa zela pela sua privacidade e individualidade, significando uma disponibilidade mais restrita no que se refere ao convívio com os outros, no final do século XIX e na virada do século XX, os rituais da vida doméstica e as formas de convívio mantinham o espírito agregador da família; ao círculo familiar e sua vida cotidiana eram agregados parentes e amigos, conforme destaca Rosa Maria Barboza de Araújo (1993). Ela constatou que, na esfera doméstica, o grupo familiar compartilhava diversas atividades cotidianas, especialmente nas horas de lazer.

Na virada do século, o jantar em família era servido às 16 ou 17h, o que explica, no caso dos ingleses, inclusive nas notas que Caroline faz em seu diário, a utilização da expressão “*to have tea*”, que tanto pode significar tomar chá - o famoso ‘chá das cinco’ -, quanto jantar. A noite da família era longa, dedicada a descanso e lazer e, mesmo sem sair de casa nos dias úteis, não era raro que se dormisse depois da meia-noite, porque entre a hora do jantar e a de ir para a cama, liam, costuravam e jogavam. A leitura, diferentemente do que entendemos hoje, era, por vezes, um hábito de atividade coletiva e, nas famílias letradas, ler em voz alta era uma diversão e às vezes uma obrigação do chefe da família. Enquanto uma pessoa lia, as outras faziam trabalhos manuais, jogavam, desenhavam ou escreviam.

No Rio de Janeiro, como em Curitiba e, certamente em outras cidades, a noite comum em família podia ter um ar de festa. Mesmo sem motivo especial o grupo doméstico reunido improvisava distrações: recitavam poesias, representavam e dançavam, mas principalmente desfrutavam os prazeres da música, tocando e cantando, porque a música era o grande entretenimento nas noites domésticas. O piano era muito nobre e apreciado (ALENCASTRO, 1997), mas, sendo caro, era um instrumento mais comum nas casas das famílias mais abastadas.

Caroline era uma pessoa muito requisitada, e as fontes indicam sua popularidade e receptividade aos pedidos e convites. Afora as contínuas encomendas vindas da colônia Assunguy, havia os inúmeros convites para tocar piano, resultando em ocasiões sociais cuidadosamente registrados no diário, muitas das quais também publicadas no *Dezenove de Dezembro*. Em julho e agosto de 1881, ela tocou num concerto a convite de um Signor Scolari, cantor americano levado à sua casa por Bento Menezes e, ao longo de 1881, participou de inúmeras *soirées*. Já no ano seguinte, 1882, ela participou ativamente de muitas ocasiões públicas.

Em abril, conheceu Dr. Carlos de Carvalho, Presidente da Província do Paraná, na casa dos Soares, achou-o simpático e, na ocasião, tocou duas Sonatas de Beethoven; no início de junho, tocou piano no Clube Curitibano, que vinha frequentando há um mês; em julho, tocou num concerto na casa de um General Souto, a convite deste. Em agosto, na casa do Coronel Assumpção, conheceu os alemães Herr e Frau Schultze, cantores alemães, que a convidaram para tocar no concerto que iam dar no domingo daquela semana; dois dias depois voltou a encontrá-los, bem como toda a família de Trajano Reis e do Presidente da Província, na casa dos Fonseca. Nessa festa, ela tocou a quatro mãos, ao lado de Herr Schultze e, mais uma vez deve ter deixado boa impressão porque ela registra com óbvia satisfação que o Presidente ia dar um concerto no começo de setembro em benefício das escolas e queria que ela tocasse. Como se isso não bastasse, no dia seguinte ela recebeu uma carta de Herr Schultze convidando-a a tocar em seu último concerto na cidade, cujos anúncios foram publicados nos jornais locais.

Depois dessa data, apenas por mais alguns meses, pode-se acompanhar seus passos através das páginas do diário que escreveu cujo único caderno que se conhece vai até novembro de 1882, após o que os únicos vestígios que conseguimos encontrar dela estão nas notas de jornais curitibanos. Mas aos



poucos, ao longo dos anos seguintes, a vida de Caroline vai escapando ao nosso conhecimento, particularmente após 1888, quando uma situação constrangedora e misteriosa, parece tê-la levado a deixar a cidade em direção a São Paulo, conforme relatos familiares. Outrossim, os fragmentos que ficaram permitiram reconstruir um tanto da sua história e da história dos locais por onde passou.

## Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no império. In: NOVAIS, Fernando (Coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARAUJO, Rosa Maria Barboza. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2001.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CORBIN, Alan. O segredo do indivíduo. In: *História da vida privada*, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DEAP. Departamento de Arquivo Público do Paraná. Curitiba: vv.vv.
- DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, abr. maio. ago. out. 1880.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. 2 v.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família patriarcal brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

GILLIES, Ana Maria Rufino. Caroline Tamplin e as artes em Curitiba na segunda metade do século XIX. *1ª Reunião do GIPA-Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes*. Curitiba: FAP-Faculdade de Artes do Paraná, 2008b.

GILLIES, Ana Maria Rufino. O diário da imigrante britânica Caroline T.: trabalho e sociabilidades. Curitiba 1880-1882. *XVII Reunião Anual da SBPH-Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro, 22 a 25 Jul. 2008a.

GILLIES, Ana Maria Rufino. *O diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): memórias, trabalho e sociabilidades*. Curitiba, 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná,

GILLIES, Ana Maria Rufino. Os ingleses do Assunguy (1859-1882) sob a perspectiva do processo civilizador: um estudo comparativo com outra comunidade britânica do século XIX. *X Simpósio Internacional Processo Civilizador*. Campinas/SP, 1 a 4 abr. 2007.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 121-128, 1998.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

GUENTHER, Louise H. *British merchants in nineteenth-century Brazil: business, culture, and identity in Bahia, 1808-50*. Oxford, England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.

HOULBROOKE, Ralph. *Britain: 'ego-documents' and life writing 1500-1900*. Disponível em: <http://firstpersonwritings.eu/greatbritain/greatbritainproject.htm>.

LAMB, R.E. *Imigrantes britânicos em terras do império brasileiro: mobilidade, vivência e identidades em colônias agrícolas (1860-1889)*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em História) - PUC, São Paulo.

LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 111-120, 1997.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

MANCHESTER, Alan K. *Preeminência Britânica no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MARSHALL, Oliver. *English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in Nineteenth-Century Brazil*. Oxford, England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2005.

McKAY, Elaine. *The diary network in Sixteenth and Seventeenth Century England*. Disponível em: <[arts.monash.edu.au/publications/eras/edition-2/mckay.php](http://arts.monash.edu.au/publications/eras/edition-2/mckay.php)>

NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. *Terras e imigrantes na colônia Assunguy, Paraná, 1854-1874*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n 18, ago./set. 1989.

RELATÓRIO sobre a colônia do Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres – 1875. In: *Monumenta*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

